

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

RAZÃO GLOBAL/RAZÃO LOCAL/RAZÃO CLANDESTINA/RAZÃO MIGRANTE

Maria Adélia A. de Souza

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 64-67, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38177/24560>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

RAZÃO GLOBAL/RAZÃO LOCAL/ RAZÃO CLANDESTINA/RAZÃO MIGRANTE

*Reflexos sobre a cidadania e o migrante
Relendo (sempre) e homenageando Milton Santos*

Maria Adélia A. de Souza *

Este texto revela um singelo esforço de reflexão para compreender a mobilidade dos homens na face da Terra, neste período da História. Trata-se de prosseguir num esforço teórico levado a cabo por alguns geógrafos e colegas de outras disciplinas, preocupados com a humanidade nesta contemporaneidade.

Mas como a Geografia hoje lida com a questão das migrações e do migrante? Como entender as migrações em contextos espaciais concretos? Qual o papel da mobilidade das pessoas nos lugares e entre os lugares (regiões)? Como distinguir funcionalidade e volume migratório? Há uma participação diferenciada dos lugares no processo migratório contemporâneo? Como enfrentar a questão migração e exclusão? Ou, a fluidez do espaço neste período técnico científico e informacional facilitam e propiciam as migrações? O reconhecimento da multiplicidade de formas e movimentos populacionais não significam a integração de espaços globais? Existiria neste fim de século uma *ilusão migratória*?

Quando nos propomos a pensar sobre a questão da cidadania e do migrante, inúmeras são as questões que se colocam. Trata-se, evidentemente, de um interessante e urgente desafio a ser enfrentado pelas ciências sociais e, em especial pela Geografia, que já se debruçou tanto sobre a questão das migrações! Aqui já aparece um duplo problema: da Geografia (?) e das *migrações internacionais*.

Na perspectiva de compreensão teórica desta abordagem, o conceito de *migrações internacionais* necessita ser ajustado:

1. à compreensão atual do espaço geográfico, pois migrar é deslocar-se no espaço;
 2. às características deste período histórico denominado técnico, científico e informacional, que revolucionou a idéia de espaço que dava suporte à migração: *hoje* o espaço se sobrepõe (simultaneidade valorizando os lugares) e não mais se justapõe (valorizando os deslocamentos);
 3. às novas categorias propostas pela Geografia, bem como os novos conceitos.
- Finalmente, é preciso ter um profundo conhecimento do mundo para compreendê-lo e não descrevê-lo, como nos tempos da Geografia Clássica.

Conhecendo o mundo... – Indiscutivelmente, o mundo mudou. A Razão do mundo mudou. Os cientistas sociais precisam estar muito atentos. “O mundo, conjunto de possibilidades, está contemporaneamente marcado pela aceleração – momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criar o novo.” (SANTOS; 1993 p.15).

Esta aceleração importa nesta reflexão, pois não apenas determina uma visão do mundo, como também “dá novo ritmo ao deslocamento dos corpos e das idéias”, transfigurando a história. E é esta aceleração contemporânea (SANTOS; 1994) que tem como resultado a banalidade do invento, “o perecimento prematuro dos inventos e dos engenhos e sua sucessão alucinante”. E este é o aspecto que dá

uma nova dinâmica ao espaço e *pour cause* às relações sociais. São acelerações simultâneas, superpostas e que transformam, virtualmente, tempo e espaço, em algo fugaz, passageiro, frenético.

E é este o contexto da globalização, segundo alguns, atributo maior deste mundo mutante. Mas, quem se globaliza são as pessoas e os lugares. Os lugares são mundiais. Quanto ao espaço (forma, função, estrutura, processo), ele se globaliza mas só é mundial como metáfora. Mas atenção:

Hoje, o próprio espaço, o meio técnico-científico apresenta-se com idêntico conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetos, cuja localização, mais do que antes, é funcional aos desígnios dos atores sociais capazes de uma ação racional. Essa matematização do espaço o torna propício a uma matematização da vida social, conforme os interesses hegemônicos. Assim se instalam, ao mesmo tempo, não só as condições do maior lucro possível para os mais fortes, mas também as condições para a maior alienação possível, para todos. Através do espaço, a mundialização, em sua forma perversa empobrece e aleija (SANTOS; 1994, p.17-18).

E é nesta perspectiva que elabora também Ianni (1992, p.92): a globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as idéias. Emerge a *desterritorialização*.

Fica evidente que estes tempos têm implicações definitivas na vida social e econômica. Até os anos sessenta, da idéia de migração – deslocamento maciço pactuado de população no espaço –, a ação era conhecida (o movimento espacial dos corpos), mas o evento (a razão de ser) era difuso e desconhecido. Há bibliografia abundante para demonstrar a existência de políticas migratórias pactuadas no Brasil, desde o século passado (em troca da abolição da escravidão), em que o migrante conhecia o rumo (o movimento, o espaço justaposto): Brasil, mas não o destino: o Brasil, uma fazenda de café em São Paulo ou no Paraná. Mesmo assim “et por cause”, as migrações existiram em massa aqui e alhures. O espaço já era difuso (pois capitalista) e os lugares múltiplos.

Mas, o mundo mudou e mudaram também os pactos. Os requerimentos do migrante são outros e o destino não é mais ignorado. A informação e a comunicação são dois regentes maiores desse mundo. Novas categorias analíticas se impõem.

Há uma nova razão no mundo: razão global/razão local (SANTOS; 1994), geradora da razão clandestina/razão migrante. A primeira dá conta da intensa mobilidade *pessoal e coletiva* das pessoas (os desempregados, os refugiados, os pobres), da sonegação do direito ao trabalho legal e a segunda da conta de um tipo de migrante deste período (o colarinho branco, os trabalhadores legais, os empresários). Nesta perspectiva, sem dúvida alguma, a *flexibilização do mundo do trabalho*, precisa ser detidamente considerada neste período histórico.

O mundo da técnica e a racionalização do espaço geográfico – É Santos (1994b) quem nos conduz a esta instigante reflexão. Hoje, todos os aspectos da vida indiscutivelmente estão dirigidos por uma ordem técnica que rege uma ordem planetária (vide crise mexicana e crise financeira mundial). Dessa razão são inseparáveis “novas relações entre o espaço e o tempo, agora unificados sob bases empíricas” (SANTOS; 1994b, p.1).

Nesta perspectiva, Santos (idem) nos sugere duas ordens que fundamentam a razão global e a razão local: 1.) o espaço geográfico é considerado um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações; 2.) no plano global, as ações, mesmo “desterritorializadas”, constituem normas de uso dos sistemas localizados de objetos, enquanto no plano local, o território, em si mesmo, constitui uma norma para o exercício das ações. É no lugar que se dá o mundo, pela possibilidade de fracionamento do tempo que cria o cotidiano e a possibilidade do informal. A partir daí, duas razões se superpõem, se confrontam e se defrontam (dialeticamente) no lugar e no mundo.

Parece-nos que uma das características da movimentação da humanidade hoje (movimentos migratórios internacionais) persegue à risca essa nova ordem, com uma absoluta identificação dos lugares: os lugares mundiais. De fato, todos os lugares são (virtualmente) mundiais. Trata-se, nesse caso, das metrópoles globais (lugares mundiais de alto nível). Estes lugares mundiais, do informal, da produção flexível, da violência, da clandestinidade – este lugar: São Paulo, Los Angeles, Nova York, Paris, Londres. Lugares onde espaço/tempo, global/fragmentado se constituem em *nichos migratórios internacionais* por excelência. Estes lugares são os espaços da convergência. Diferentemente das

migrações pactuadas do início do século, estas são clandestinas, não-difusas, *invisíveis*. Estes são os homens pobres, lentos, mas absolutamente sagazes no domínio do espaço, nos lugares mundiais.

Estes processos estão maravilhosamente descritos por Edward Soja: "Que outro lugar poderia ser melhor para ilustrar e sintetizar a dinâmica da espacialização capitalista? Sob inúmeros aspectos, Los Angeles é o lugar onde 'tudo se junta'." (SOJA; 1993, p.232). Este texto de Soja é exemplar para empiricamente demonstrar a razão global e a razão local.

As migrações internacionais pactuadas, hoje, emergem da explosão de nações e territórios configuradas por levas de refugiados – Ruanda, Leste Europeu, Bósnia-Herzegovina, Camboja, Cuba – homens tolerados e rigorosamente controlados nos modernos *campos de concentração*.

Como entender os diferentes processos migratórios ou mesmo os cidadãos que de um dia para outro têm sua territorialidade modificada: as migrações de fronteiras, os *brasiguais*, os corcanos, bolívia-nos, entre outros, que dia a dia se fazem presentes em tantos lugares, especialmente da América Latina? Há que se relacionar novas territorialidades e novas temporalidades. Como entender tchecos e eslovacos que se tornam migrantes de uma dia para o outro, pois repentinamente uns e outros eram estrangeiros no novo território desdobrado da antiga Tchecoslováquia? E, o que dizer dos estrangeiros que se vêem obrigados a circular permanentemente em busca de vistos sonogados pelo controle migratório, que dia a dia assola sobretudo os países ricos?

"Na escala do globo, o motor implacável de tantas reorganizações, sociais, econômicas é essa mais-valia global, cujo braço armado é a competitividade, que neste nosso mundo bélico é a mais guerreira de todas as ações" (SANTOS; 1994b, p.2).

Esta ordem técnica, caracterizada por um sistema de objetos técnicos, rigorosamente produzidos e localizados, pois frutos da tecnologia, busca a perfeição funcional e se constitui nas bases materiais para as ações mais significativas deste período histórico. Tais ações, científica e tecnicamente fundamentadas, tendem a ser informadas e intencionais. E, exatamente devido a esta fundamentação que hoje, as palavras de ordem são fluidez (condição global) e competitividade (ação hegemônica, nos lugares).

O lugar é a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial, outra é a norma, a organização, os regimes de regulação (SANTOS; 1994a, p.20).

O mundo é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares (SANTOS; 1994b, p.3). É importante ressaltar, ainda como sugere Santos (1994a), que a razão global é organizacional (prima pela informação), pela própria rigidez dos sistemas de objetos e a razão local é orgânica (prima pela comunicação). É o âmbito da solidariedade que emergirá da clandestinidade. *É o acontecer solidário que define um subespaço, região ou lugar* (SANTOS; 1994c).

Território como norma. Formação sócio-espacial como mediação – Para finalizar estas breves reflexões teóricas que procuram esclarecer o significado das migrações, é fundamental trazer para discussão as noções de Território e de formação sócio-espacial.

O Território é o espaço submetido a uma norma (lei) e a um poder jurídico. Santos (1994d) propõe que existe uma ordem territorial decorrente do arranjo dos objetos, num sentido amplo, que inclui o homem, por exemplo, a distribuição da população. Mas, propõe também uma ordem temporal dos objetos, que fundamenta a compreensão, da formação (s) territorial (s).

Não estariam na compreensão destas duas ordens os fundamentos para a compreensão de *tipos de migrações internacionais*?

É preciso distinguir que os territórios se abrem para as mercadorias, mas são fronteiras intransponíveis para os homens. Aqui fundamenta-se a *razão clandestina* da migração internacional.

Mas é cada formação sócio-espacial que corresponde uma ordem territorial. É, "o modo de produção, através da genealogia espacial de um território <que> assume a complexidade da realidade concreta como formação social" (CASTILLO; 1994, p.2).

É importante lembrar que a mobilidade da força de trabalho sofre restrições por vezes severas na escala internacional. Nesta perspectiva, Smith (1988) sugere a reflexão sobre o desenvolvimento de-

sigual, apontando uma interessante contradição:

(...) o capital tenta continuamente reforçar a integração espacial, apesar das barreiras geográficas auto-impostas (no caso as fronteiras nacionais, que impedem a expansão regional). E, neste ponto, a contradição se revela... a tendência em direção à internacionalização do capital é severamente restringida pela necessidade da Nação-Estado, como um meio de controle político.

Questões polêmicas, que aqui vêm sendo estimuladas por Octavio Ianni, a respeito do Estado/Nação.

De qualquer maneira, estas são algumas das formulações teóricas que poderão ser testadas com dados empíricos, para uma compreensão da mobilidade da população, neste período da história, impregnado de contradições e surpresas. E delas já emerge uma característica fundamental da razão clandestina – a solidariedade, característica dos novos tempos, antagonismo da violência deste tempo.

CASITLLO, Ricardo. *Aproximações sobre o tema da formação sítio-espacial e do lugar como mediações*. São Paulo: ANPEGE. (inédito) 1994

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

SANTOS, Milton. *Desafio do ordenamento territorial*. São Paulo: (inédito) 1994

_____. Aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: *Fim de século e globalização. O Novo Mapa do Mundo* (coletânea) São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994a

_____. Razão global, razão local. Os espaços da racionalidade. Festival Internacional de Geografia, St. Dié des Vosges (inédito), 1994b

_____. *O lugar encontrando o futuro*. São Paulo: (inédito). 1994c

SOJA, Edward. *Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988

* Professora no Departamento de Geografia da USP.